

Crenças dos enfermeiros da região norte sobre a doença Mental

Paula Campos¹; José Carlos Carvalho²; Júlia Martinho²

¹Agrupamentos de Centros de Saúde Maia/Valongo, Unidades Cuidados na Comunidade Castelo da Maia; ²Escola Superior de Enfermagem do Porto, Centro de Investigação em Tecnologias e Serviço de Saúde;

Contacto de e-mail: paulaotcampos@gmail.com

Introdução & objetivos: Um dos maiores obstáculos à promoção da saúde mental e prevenção da doença mental é o estigma resultante de auto e/ou hetero-discriminação.

O objetivo geral deste estudo é analisar de que forma as crenças dos enfermeiros de saúde mental contribuem para a redução ou aumento do estigma na doença mental.

Metodologia: investigação quantitativa, descritivo correlacional realizado em instituições psiquiátricas no norte de Portugal. Amostra não probabilística intencional, constituída por 93 enfermeiros (31,92% população estudada). Recolha de dados de maio/outubro 2016, através de um questionário de autopreenchimento, sendo o seu preenchimento voluntário.

O questionário foi constituído por caracterização sociodemográfica e o Inventário de Crenças sobre a doença Mental (ICDM).

Resultados e discussão: A amostra maioritariamente do sexo feminino (66,7%; n=62), com idades entre os 20 e os 59 anos, sendo a média de idades de 38,8 ($\pm 10,6$), maioritariamente casados (59,8%- n=55), 92,9% (n=79) trabalham em serviços de internamento, 79,6% (n=74) tem como habilitações literárias o curso de licenciatura, 26,1% (n=24) tem a especialidade de saúde mental e psiquiatria e 92,5% (n=86) desempenham funções no âmbito da prestação de cuidados.

Relativamente à doença psiquiátrica 30,4% (n=28) referem ter um familiar com doença, 48,9% (n=45) um amigo e 54,3% (n=50) colegas.

No geral os participantes manifestam uma crença moderada baixa da incurabilidade e incapacidade crónica dos doentes para assumirem responsabilidades laborais e familiares (m=29,7%; n=6,98), a crença moderada alta na aceitação da doença, acreditando no tratamento e reabilitação desde que o início o tratamento seja adequado, baixa crença pessoal de que a doença mental pode criar estigma e discriminação nos círculos íntimos dos doentes. Os enfermeiros não vêm os doentes mentais como pessoas perigosas e com comportamentos imprevisíveis (média=18,0; dp=5,55); os participantes acreditam fortemente que a doença mental é uma condição clínica e, como outras doenças, precisam de tratamento medicamentoso (média=23,9; dp=3,72; mediana e moda=25).

Conclusões: Os enfermeiros não são agentes estigmatizantes; a formação específica funciona com elemento protetor contra o estigma. Não existe correlação estatisticamente significativa dos dados demográficos, com as crenças, opiniões e atitudes dos profissionais face à doença mental.

Palavras-chave: *Doença mental; Estigma; Crenças; Opiniões; Enfermagem.*